

## CÂMARA CASCUDO E A FITINHA AZUL DA MEMÓRIA

Sheila Dias Maciel (UFMT)

**Resumo:** Reflexão sobre *O Tempo e Eu: confidências e proposições* (2008), de Luís da Câmara Cascudo, com o intuito de avaliar as singularidades da obra de memórias mais elaborada do conjunto autobiográfico do autor. Ao mostrarmos as marcas de memória no texto (antigas reminiscências; ressentimentos e autopromoção), por meio de comparações e dos conceitos de Konstan (2004), Albuquerque (2013) e Veloso (2013), buscamos compreender tanto a obra em si e sua relação com a ideia de província, quanto o funcionamento do gênero memórias. Ao final, compreende-se que, ao tirar de si uma imagem do mundo, o narrador de *O tempo e Eu* compõe obra menos regional que humana.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Memórias; Câmara Cascudo.

**Resumen:** Reflexión sobre *O Tempo e Eu: confidências e proposições* (2008), de Luís da Câmara Cascudo, con el fin de evaluar la singularidad de la obra más elaborada del conjunto de recuerdos autobiográficos del autor. Al mostrar las marcas de la memoria en el texto (reminiscencias antiguas, el resentimiento y la auto-promoción) a través de la comparación y de los conceptos encontrados en Konstan (2004), Albuquerque (2013) y Veloso (2013), buscamos entender tanto el trabajo en sí mismo y su relación con la idea de provincia, como el funcionamiento de las memórias como un género. Al final, uno se da cuenta de que el narrador no compone trabajo sólo regional, sino humano.

**Palabras clave :** Literatura brasileña ; Recuerdos; Câmara Cascudo.

[...] torna-se problemática a definição das fronteiras entre o literário e o cultural. Mas o sistema literário, como uma força civilizatória, só pode funcionar nessas fronteiras, e graças ao trabalho de escritores como Gilberto Freyre e Câmara Cascudo.

Humberto Hermenegildo de Araújo

Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado.

Luís da Câmara Cascudo

Além de figura importante no panorama da cultura nacional, como folclorista e pesquisador competente, Câmara Cascudo também merece ser lembrado como cronista e produtor de memórias que promovem um painel interessante sobre a época e o espaço dos quais fez parte. Américo de Oliveira Costa, em *Viagem ao universo de Luís da Câmara Cascudo*, aponta sua tendência memorialista: “Um pouco mais ou um pouco

menos, mas por quase todos os seus livros, o memorialista Cascudo sempre se denuncia” (COSTA, 2008, p. 257).

De fato, a tendência a observar o mundo ao redor em contraponto às experiências adquiridas em seu *burgo originário* (COSTA, 2008, p. 23) constitui tanto um modo de conhecimento quanto um gesto de memória. O engendramento da memória culminará com a publicação de *O Tempo e Eu: confidências e preposições* (1968), na comemoração de seus setenta anos. Assim como outros escritores e intelectuais de seu tempo, tais como Oswald de Andrade, Câmara Cascudo transforma a potência autobiográfica, própria do ser humano, em ato, como forma de remate da existência.

Nascido em data não muito distante de Oswald de Andrade, defendendo o mesmo modernismo renovador<sup>1</sup>, filho único (após terem ambos perdido irmãos na infância) de uma família também abastada, de alto fervor católico, que empobrece à medida que a economia se modifica, seria esperado que os dois autores retratassem, em suas páginas de memórias, de modo análogo, um mundo que os aproximasse. Não é o que ocorre, entretanto.

Apesar de ambos mencionarem o mesmo Hotel Avenida<sup>2</sup> ou incluírem as mesmas personagens como Mário de Andrade, Ribeiro Couto, Coelho Neto e Emílio de Menezes, tudo é descrito de modo diverso. Ainda que tenham vivido semelhantes experiências vitais e utilizado o mesmo veículo de memórias para narrar-se, produziram, por meio de suas singularidades, textos muito diferentes entre si, ainda que complementares.

Algumas marcações do gênero, no entanto, são semelhantes. Uma delas diz respeito à menção às primeiras reminiscências; outra assegura que a escrita das memórias é fruto da sugestão de um amigo. Em um *Homem sem profissão* (1954), o impulso oswaldiano para a transformação da potência autobiográfica em ato é fornecido, como foi visto em capítulo anterior, por Antonio Candido e em *O Tempo e Eu* (1968), Luís da Câmara Cascudo, em pequeno texto anterior ao prefácio, informa

---

<sup>1</sup> Apesar da diferença de postura entre os dois modernistas, podemos aproximá-los no tocante à essência de um moderno que repense o Brasil. Segundo Araújo (2013, p. 184), o moderno para Cascudo significava “A consciência atual do avanço das formas artísticas e, simultaneamente, a consciência de uma brasilidade que incluísse nos seus valores as particularidades regionais” o que não difere das propostas oswaldianas, descritas a partir da metrópole, mas que rejeitavam o modelo importado da Europa ao buscar as marcas complexas de nossa formação, ainda vivas no cotidiano.

<sup>2</sup> Hotel situado no centro do Rio de Janeiro e demolido na década de 50. Oswald de Andrade o menciona na página 114 e Câmara Cascudo nas páginas 131 e 194 de suas memórias. Mesmo hotel que fora imortalizado por Carlos Drummond de Andrade no longo poema intitulado “A um hotel em demolição”, incluso na obra *A vida passada a limpo* (1959).

que a sugestão afetiva para a escrita de suas memórias parte, em diferentes décadas, de dois velhos amigos: Fidelino de Figueiredo e Pedro Bloch.

Quanto à questão das primeiras reminiscências, é interessante contrapor uma passagem de cada autor para pontuar as relações entre suas memórias. A primeira é de Andrade:

A mais longínqua lembrança que tenho da vida pessoal, destacada do cálido forro materno que me envolveu até os vinte anos, foi de caráter físico sexual, evidentemente precoce. Está ela ligada à casa em que morávamos na rua Barão de Itapetininga, de jardimzinho do lado. Sentando-me à porta da entrada e apertando as pernas, senti um prazer estranho que vinha das virilhas. Que idade teria? Três ou quatro anos no máximo. [...] Assim, cedo mergulhava eu nesse maravilhoso mundo de bronha onde permaneci virgem até quase a maioridade. (ANDRADE, 2008, p. 36-37).

A expressão “A mais longínqua lembrança”, utilizada por Oswald de Andrade no terceiro começo de suas memórias é substituída pela expressão sinônima “minhas mais antigas reminiscências”, em Câmara Cascudo:

As minhas mais antigas reminiscências? Morávamos num sítio na atual Rio Branco, na Ribeira, no trecho inaugurado em 1935, quando derrubaram o muro da Vila Barreto que interrompia a ligação. A casa, grande e de taipa, ficava numa elevação, aclive da encosta, cheia de árvores. [...] Aí morreu minha irmã. Lembro-me do caixãozinho azul, muitas flores. E uma vaga recordação de uma criança muito alva, gordinha, loura, com olhos azuis. Também de uma cotia mansa que morreu por ter roído um lápis azul-encarnado. [...] Eu teria quatro anos. (CASCUDO, 2008, p. 153)

Apesar da semelhança na estrutura dos trechos, principalmente pela tentativa de organizar espacialmente o passado e pelo uso do plural “morávamos”, o conteúdo é bem diverso. Se, como afirma Bosi, “o ato de narrar paga tributo ao deus Cronos” (BOSI, 1992, p. 20), Oswald de Andrade parece contrair uma dívida também com Eros na mesma medida em que Cascudo recorre a Thanatos. Do erotismo à morte, as memórias dos escritores em questão vão traçando por entre as características idiossincráticas de suas narrativas, caminhos diversos entre si. Não por acaso os trechos selecionados aparecem em momentos também diversos. Andrade, que produz, a princípio, uma obra temporalmente linear, o inclui no início de sua narrativa, ao passo que Cascudo, que substitui o caráter linear das memórias por uma estrutura episódica, retorna às primeiras lembranças apenas na segunda metade de *O tempo e eu*.

Em outras inscrições destas memórias, percebemos, como ocorre na marcação das primeiras reminiscências, as diferentes opções de exposição pelas quais optam seus escritores, sobretudo quando um teor de notada sensualidade ronda a narrativa confessional. É o que ocorre quando o narrador de *Um homem sem profissão*, durante viagem à Europa, vê-se diante de uma oferta que decide aceitar: “*Vuole una signorina?*” (ANDRADE, 2008, p. 115). Na sequência, após ingressar em casa familiar, o narrador encontra “na cama inteiramente conjugal” (ANDRADE, 2008, p. 115) uma garota despida “gordinha e linda. Sete liras.” (ANDRADE, 2008, p. 115).

Sobre o episódio não dissimulado de prostituição, o mesmo narrador reflete sobre a experiência: “Tudo isso vinha confirmar a idéia de liberdade sexual que doirava o meu sonho de viagem, longe da pátria estreita e mesquinha, daquele ambiente doméstico onde tudo era pecado.” (ANDRADE, 2008, p. 115). Independente de valores morais que possam ser suscitados, as escolhas da linguagem, de cunho viril, não censuram o encontro, mas o enaltecem, chamando-o de liberdade sexual.

Em *O tempo e eu*, Luís da Câmara Cascudo, sem precisar a data além da indicação inicial “Volto da Paraíba para Natal. Viajo durante uma noite de junho, fria e triste. As chuvas da véspera e de hoje, furiosas e rápidas, enrugam a rodovia, ondulando-a como um vestido plissado” (CASCUDO, 2008, p. 161), rememora um episódio, de notada sensualidade, dissipando, pelo discurso lírico-filosófico, o teor erótico de uma quase entrega: “No talude, vejo indistinto e confuso, um grupo de meninas e mocinhas. Sobe uma voz clara, nítida, voz de menina-moça: - Me leva!” (CASCUDO, 2008, p. 161-2).

A reflexão que ocorre no parágrafo seguinte, o afasta da cena de outrora e o faz mergulhar em enigmáticas configurações:

A máquina silenciosa resplandecente, derramando melodias, provoca o apelo incontido da emigração psicológica, evasão à estática da paisagem melancólica, à previsão da vida futura, laboriosa e banal. Nenhum acento erótico, mas a curiosidade emocional da fuga à realidade monótona, ao inevitável ritmo do cotidiano. Voz das raças nômades ambulatórias, fixadas na gleba na imposição sesmeira, mas tendo o anseio da marcha no potencial dos cromossomos. (CASCUDO, 2008, p. 162).

*A juriti sertaneja*, como o escritor a chamará no decorrer de suas reflexões, se transforma em História, em Antropologia e na linguagem sempre elegante e de teor comparativo-reflexivo próprio do caráter sócio-cultural da memorialística cascudiana. Não por acaso, este episódio está inscrito na seção “A lição do cotidiano”, que reforça o

caráter de conhecimento que advém da observação das circunstâncias e da vida – método recorrente na obra do intelectual potiguar.

Esses dois episódios (das primeiras reminiscências e de um singular encontro com o sexo feminino) de dois escritores que, nascidos no século dezenove, ingressaram no século vinte e assumiram seus postos de intelectuais em um país de contrastes, servem como introdução tanto para o tipo de memórias que Cascudo produziu, quanto para o entendimento da diversidade de escolhas de linguagem que fazem do gênero memórias algo vivo e repleto das surpresas que são próprias da criação literária. Ao contrário da ideia de exposição direta da vida, que a mentalidade cristalizada de leitura do gênero memórias parece supor, voltar ao passado é sempre novo e sempre um desafio.

Outro episódio interessante, também relativo a um inusitado encontro com uma figura feminina, em um *night club*, aparece no item XLVIII de “A lição do cotidiano”. Após apresentar a cena de jantar com amigos no Rio de Janeiro e a entrada de duas mulheres que “esquentam o encontro”, o narrador reconhece em uma delas a filha de um amigo do passado. No decorrer da cena, quando o fortuito do encontro se transforma em memória, a noitada perde o encanto: “O uísque tomou sabor de jurubeba e o charuto era feito de folhas de fedegoso”. O narrador então recua e volta ao Hotel em que está hospedado sem deixar de notar a estátua do almirante Barroso (“O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”). Ao final da cena, o depoimento do narrador: “Digam lá o que quiserem, mas eu estava convencido de ter feito o meu...” (CASCUDO, 2008, p. 197-198). Apesar da ausência de data e do nome dos companheiros, por motivos óbvios, a menção à estátua e ao espaço do Rio, ajudam a compor as memórias.

Para Alfredo Bosi, em capítulo da obra *Tempo e História* (1992, p. 19), organizada por Adauto Novaes, uma das marcas da memória é que ela *carece de nomes e de números*. De fato não há memória sem um aporte no verificável. Neste âmbito, também as memórias de Câmara Cascudo não desmentem a proposição de Bosi e trazem, no esteio de suas considerações pessoais, uma profusão de nomes (de locais e de pessoas) cercada por não menor profusão de datas de nascimento e de morte – nas infinitas comemorações que essas duas pontas do novelo da existência arrebanham para si.

Em especial a questão da morte gera um séquito de fantasmas que trava sua marcha inexorável nas páginas de *O tempo e eu*: confidências e preposições. Dividida em quatro partes, a obra tenta reter em suas páginas as imagens que se sucedem desde

“No rastro das velhas imagens” (da página 39 até 154); até “A lição do cotidiano” (da página 159 a 207); “Compensações e mistérios” (da página 213 a 232) até “Aula de bichos” (da página 237 a 248).

A divisão estrutural é composta por uma sequência de capítulos nomeados que aparecem nos sumários inclusos em cada uma das quatro partes da obra e que também são acompanhados por numeração romana. Apesar da linguagem empregada ressaltar o refinado estilo do autor, há uma quebra da tradição da escrita das memórias quando a divisão da obra aponta para uma solução menos usual no campo deste gênero, que é a utilização de apontamentos ao invés do uso de uma sequência linear de acontecimentos que partisse do mais distante em direção ao presente.

O caráter episódico, fragmentado e sem clímax, comporta uma série de acontecimentos e reflexões que ora recaem sobre um fato, ora sobre uma pessoa ou um objeto. Um dos acontecimentos memoráveis diz respeito à primeira experiência escolar:

Minha primeira professora foi dona Totônia Cerqueira, magra, imperiosa, serena, voz seca, adivinhando métodos intuitivos, mas carinhosa e acolhedora de convívio. Aprendi com ela os fundamentos inabaláveis de tudo quanto sei. No fim do ano, amarrou-me uma fitinha azul no braço, declarando-me aprovado no curso adorável onde fui o único aluno. Todas as comendas e condecorações posteriormente recebidas não tiveram a significação jubilosa daquela fitinha azul. Alguns dias andei com ela no braço, exibindo-a como um troféu. Minha primeira alegria pública. Jamais esqueci dona Totônia. (CASCUDO, 2008, p. 49)

Este episódio, que remonta às primeiras experiências de escolaridade, serve como emblema. A fitinha azul, dado concreto, representa, de modo indireto, as abstrações tais como virtude, conhecimento, inteligência – distintivos pelos quais o narrador quer ser identificado. É interessante observar como é diverso o modo de José Lins do Rego, também escritor de memórias, também nordestino (natural da Paraíba) e também nascido em data próxima (1901) lidar com o passado. Na obra *Meus verdes anos* (1956), o narrador que retorna à infância não quer ser contaminado pelo presente, mas, em Cascudo, é o presente quem rege a recordação e emoldura as considerações sobre o passado, como podemos perceber, por exemplo, em “Todas as comendas e condecorações posteriormente recebidas não tiveram a significação jubilosa daquela

fitinha azul”. A fitinha azul, comparada aos demais prêmios, vai amarrando *o salto proustiano para o universal*<sup>3</sup> que a narrativa de *O tempo e eu* acaba por alcançar.

Outro momento que mostra a contaminação entre os tempos diversos que compõem este texto de memórias pode ser percebido no episódio IV da segunda parte da obra, intitulado “A bengala de meu pai”. Neste episódio, após a apresentação inicial da bengala: “Há mais de sessenta anos o deputado Eloy de Souza trouxe do Egito uma bengala de cana-da-índia para meu pai. Comprara-a no Cairo, bambu de Bengala, airoso e leve, terminando a curva num botão de lótus.” (CASCUDO, 2008, p. 163), há um sumário narrativo que enumera as várias fases da vida do narrador em companhia da mesma bengala.

Em três parágrafos, “Quando me fiz rapaz”; “Casei” e “Agora”, o narrador resume, apresentando sequencialmente, todas as serventias atribuídas ao objeto: item elegante do vestuário; cavalo de corridas, haste de bandeiras, poste de casa de bonecas, até o momento final, em que o advérbio de tempo “Agora”, que sempre marca o tempo presente em relação a algo que ficou no passado, vem apresentar a cena: “Agora meu neto chora sem razão. Os dentes nascem. Bato com a bengala no soalho, despertando-lhe atenção. Sorri, estendendo os bracinhos de dois anos. A bengala voltou à servidão jubilosa” (CASCUDO, 2008, p. 164).

A bengala, como a memória, acaba por reunir eventos que a organização de uma disciplina histórica tenderia a separar. Neste âmbito, a memória, oposta à história porque lida de modo diverso com o tempo, atribui importância a tudo que evoca o passado e assegura sua manifestação no presente. Para a memória, conforme afirma Júlio Pimentel Pinto, “O tempo costurado é mostrado uno, sem fissuras, sem obstáculos em sua trajetória” (PINTO, 1998, p. 293). Assim, toda a vida de Cascudo aparece, sem desvios, atada à história da bengala.

Em outros momentos dessas *confidências*, percebemos que a história de sua vida vem misturada a episódios que tem como tema o outro, como ocorre ao falar de Dr. Lamartine. Depois de vinte e três linhas sobre a personagem que aparece no item XCVI da primeira parte da obra, o narrador acaba por se incluir nas seis linhas finais, sem, no entanto, nenhuma separação dentro do trecho de parágrafo único:

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada por Leyla Perrone-Moisés na obra *Altas Literaturas* (1998) para descrever os textos que, à maneira da obra de Proust, retomam o passado sem recair num relato direto da vida, destituído de arte.

Nomeou-me professor interino de História no Ateneu Norte-rio-grandense (1928). Foi testemunha no meu casamento (1929). Fez-me deputado estadual em 1930, a maior surpresa da época, para mim. Assumi a 1º de outubro. No dia 3 veio a revolução e acabou com o meu mandato. Não houve tempo de exercer benemerência ou nocividade. (CASCUDO, 2008, p. 147)

A humildade do narrador, que inclui um episódio importante de sua vida política de forma bem reduzida, ao final de um trecho que aparentemente não tem por objetivo falar de si, parece estar de acordo com a proposta de Câmara Cascudo, apresentada no prefácio de duas páginas da obra, no qual o escritor afirma que “Lentamente aparei as atitudes vaidosas e as luzes gritantes”. A mesma impressão tem-se ao perceber que também o título da obra apresenta, em seu primeiro segmento, o substantivo “Tempo” antecedendo o pronome que representa o sujeito gramatical. Este segundo lugar ocupado pelo “Eu”, no entanto, não retira das memórias do autor a característica de texto autopromocional própria de um gênero que tende a lidar com o caráter de exemplaridade de quem viveu muito e tem muita experiência para contar.

Observando mais amiúde, uma sequência de episódios somada revela a autopromoção às vezes velada, às vezes assumida. Por entre as inúmeras máximas que povoam o texto cascudiano, há um modelo de exaltação a si mesmo ao mostrar o infortúnio alheio, fruto ora da falta de filhos, ora da escolha pelos grandes centros urbanos ou pela ambição em ocupar cargos políticos. Na parte 3 da obra, no episódio XVI, o narrador dá voz ao amigo para louvar-lhe a situação: “[...] o pequeno mundo que V. desejou é uma realidade, filhos dignos, respeito, alegria. Nada tenho que se pareça com esses resultados...” (CASCUDO, 2008, p. 225). Em outro momento, retornando ao Nordeste, reflete: “-Senhor, perdoai-me não saber quanto sou feliz!...” (CASCUDO, 2008, p. 217). Ainda em outros episódios, sobretudo nas páginas 96, 115, 116, 172, a autopromoção acentua sua bondade e modéstia (ao conseguir pensão para Chico Vicente); sua elegância (ao vestir o mesmo smoking quarenta anos depois), sua discrição (por não anunciar, antes das memórias, que a pensão era obra de sua lavra); sua capacidade linguística (tradutor e anotador de Henry Koster) e as honrarias recebidas (as quais afirma não enumerar “porque seria autobajulação”), apesar de “Não pode haver um conterrâneo nosso que acuse V. de ambicioso”, como novamente aparece sentenciado pela voz de um amigo.

Ao lado da vaidade, outros sentimentos, ou ressentimentos, também ocupam as páginas de *O Tempo e Eu*. Entendendo que o termo ressentimento apresenta



intensidades variáveis e graduais, acreditamos que “ressentimento é uma atitude mental duradoura, causada pela repressão sistemática de certas emoções e afetos que são componentes normais da natureza humana” (KONSTAN, 2004, p. 62), como ocorre no que diz respeito à crise financeira de seu pai. Desde as primeiras páginas destas memórias jubilosas, notamos uma forma de rinação própria do ressentimento que se perpetuará nas páginas posteriores já que a ideia de ressentimento é em geral fortalecida por algo “duradouro, não fugaz” (KONSTAN, 2004, p. 61) que costuma ser cultivado e acalentado, mesmo sem a percepção total de seu hospedeiro.

É o que podemos perceber em várias passagens. A primeira, ou episódio matriz, conta a história de seu pai (item III da primeira parte das memórias) e de todas as colaborações que efetivamente realizou em diversas frentes, sempre, segundo o narrador, fazendo doações, dispensando invariavelmente sua percentagem, além de jamais ter executado um credor: “Ninguém jamais saberá o número daqueles que receberam seu auxílio oportuno e discreto” (p. 45). Em consequência destas escolhas, ainda no mesmo longo parágrafo de desabafo, o narrador acrescenta:

Encerrando o ciclo comercial, teria a cobrar mais de três mil contos. Desanimado e triste, renunciou qualquer ação judiciária. Hipotecando por 30 contos sua casa, construída em meio de terreno compreendendo  $\frac{3}{4}$  do quarteirão entre Jundiaí-Apodí, Rodrigues Alves-Campos Sales, não pôde saldar a dívida e perdeu toda a propriedade, de valor que me dispense informar. Nada ofereceram e nada solicitou. [...] (CASCUDO, 2008, p. 45)

O empobrecimento e a conseqüente perda da casa vão sendo ruminados em diversos momentos, mesmo que o narrador afirme que venceu o percalço sem recalques (cf. CASCUDO, 2008, p. 51). A ferida da injustiça sentida redobra-se para quem, incapaz de esquecer, vivencia a expulsão de um paraíso perdido para qual é impossível retornar, apesar de manter consigo a chave inútil: “guardo eu a minha chave inútil. É tudo que me resta do meu *Paradise Lost*” (CASCUDO, 2008, p. 62).

Ao falar de sua mãe, posteriormente, retoma a mesma temática do empobrecimento:

No declínio econômico do marido, não murmurou queixas nem fazia confidências. Desfez-se de quase todas as jóias para ajudá-lo. Nunca me falou nesse sacrifício. Tinha um sorriso triste quando via, na missa, uma jóia no peito, orelhas, braço ou

dedos da mulher de um credor impaciente [...]. (CASCUDO, 2008, p. 47-48)

Também em outros momentos, o narrador rememora a perda: “A pobreza de meu pai, altiva e nobre, não me permitia abandoná-lo” (CASCUDO, 2008, p. 51); “Meu pai hipotecara todo aquele mundo por 30.000\$ e não pôde saldar a dívida, executada. Não recebeu a ajuda de ninguém.” (CASCUDO, 2008, p. 61), “ Não tive o dinheiro para pagar retrato no quadro de formatura” (CASCUDO, 2008, p. 51). Apesar dos ressentimentos apontados, as memórias de Câmara Cascudo, mais luminosas do que obscurecidas pelas perdas financeiras, refletem uma outra temática recorrente – a do provincianismo.

Da leitura dessas memórias ficam, portanto, tanto a impressão de um ressentimento elegante, quanto a insistência do autor em reafirmar sua escolha pela província. Inúmeras vezes insiste em se autoneojar “professor jagunço” ou assumir o epíteto de “provinciano incurável”, dado por Afrânio Peixoto (cf. COSTA, 2008, p. 25). Essas relações, ou tensão entre centro e periferia, vão formar uma espécie de força geradora de vários apontamentos em *O Tempo e Eu*.

Desconsiderando sempre os riscos do provincianismo de sua produção intelectual para fortalecer a ideia de escolha correta, o narrador reafirma seu empenho em tratar da “cultura brasileira em suas origens formadoras” (CASCUDO, 2008, p. 165) e reconstrói sua escolha no apontamento II da terceira parte da obra, intitulada “Compensações e mistérios”:

Os dois rapazes estudaram juntos, convivência fraternal em famílias íntimas. Um foi para o Rio de Janeiro. Picareta, exímio, secretário indispensável, assessor precioso, vice-presidente, presidiu consórcios, organizou companhias, congressos econômicos, viagens pelo mundo, cara nas revistas, voz na televisão, familiaridades bancárias e ministeriais, residência soberba, presença noticiária. O companheiro ficou sendo professor obscuro, devoto de livros, com viagens fortuitas e raras. Encontro feliz, anos depois:

— Veja a sorte! Você inteligente, culto, estudioso, morto-vivo na província. Eu, tão inferior, com todo esse batuque consagrador!

— É verdade! Mas tenho tempo de ler, à noite, nossos velhos poetas gregos e nossos antigos volumes franceses, e você, há trinta anos só lê relatórios e pareceres!...” (CASCUDO, 2008, p. 214)

A anedota, transcrita na íntegra, pode ser desmembrada em dois segmentos. No primeiro, há um narrador externo que apresenta duas personagens que são contrapostas por suas escolhas, não só espaciais, mas também de caráter (a primeira é caracterizada como “picareta” e sobre a segunda, o professor, não recai a carga negativa da primeira personagem). Em um segundo momento, essas personagens ganham vozes e cada uma, em discurso direto, apresenta suas conquistas. Como é recorrente em suas memórias, o narrador em primeira pessoa, que se apresenta com o mesmo nome do autor, utiliza o artifício da terceira pessoa ora para falar bem de si mesmo ora para falar mal dos outros, numa tentativa de manter o tom elegante de suas confidências. Além deste recurso, podemos notar que a temática da anedota é a da escolha por permanecer em Natal.

Apesar de manter seu porto em Natal, vários teóricos afirmam que “Câmara Cascudo fez do Norte e do Nordeste apenas mais uma das identidades espaciais com que lida em suas pesquisas e com as quais articula seu material.” (Albuquerque Jr. 2013, p. 108). Também para Albuquerque Jr., na totalidade de seus 76 livros, o que prevalece como referência espacial é “a nação e a construção de uma cultura nacional, excluindo assim a região como núcleo de sua reflexão”. (Albuquerque Jr. 2008, p. 110).

Essa relação entre Eu e o Mundo, tensa ao nosso ver, porque recorrente, parece um esforço do narrador em explicar, para si e para os outros, algo que sendo um *leitmotiv* não deixa de ser também um fantasma que o acompanha e que não é possível disfarçar. A presença deste fantasma, denominado “provincianismo”, que assombra o narrador, pode ser comparada ao propósito do gênero memórias.

De fato, a distinção entre memórias e autobiografia está centrada na ligação entre o Eu e o Mundo. Se na autobiografia o narrador quer tirar do mundo uma imagem de si, nas memórias, o narrador quer tirar de si uma imagem do mundo. E qual seria o mundo que o narrador de *O tempo e Eu* alcança? Seria apenas aquele da casa perdida? Da ideia retrógrada de província? Da pequenez da distância? Das anedotas locais? Do exótico Brasil de coqueiros balançando ao vento do Nordeste? Para Mônica Veloso, em artigo sobre a abordagem de Cascudo no campo da História Cultural, é necessário retomar a história de vida de Câmara Cascudo para compreendermos quanto o regionalismo vai modelar a sua obra: “Pode-se dizer que é pelo ângulo da província que ele se sensibiliza para a percepção, leitura e decodificação do conjunto da nacionalidade. Sua obra é fruto de um diálogo profundo entre o regional, nacional e universal.” (VELOSO, 2013, p. 153)

Esta talvez seja a singularidade de suas memórias. Falando de sua aldeia, torna-se universal. Ao problematizar seu local de fala, focaliza tipos e anedotas que são menos municipais<sup>4</sup> que humanos. A obra *O Tempo e Eu*, dentro da trajetória de Câmara Cascudo, não deixa de ser como a fitinha azul atada aos episódios do passado: Um modo singular de dar uma resposta sobre si utilizando uma voz enunciadora de perspectiva autodiegética para rejubilar-se da existência vivida.

## Referências

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Uma projeção lírica, uma poesia recordadora: o nordeste de Câmara Cascudo. In: SILVA, Marcos (Org.). *Câmara Cascudo e os saberes*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. (Memória do Saber)
- ANDRADE, Oswald de. *Um Homem sem profissão: sob as ordens de mamãe*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2008.
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. Câmara Cascudo e a busca do moderno. In: SILVA, Marcos (org.). SILVA, Marcos (Org.). *Câmara Cascudo e os saberes*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. (Memória do Saber)
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. O escritor Câmara Cascudo. *Continente: documento*. Recife-PE, Companhia Editora de Pernambuco, Ano IV, n. 48, p. 22-31, ago. 2006. ISSN 1807-7137. (Câmara Cascudo: a vida dentro da obra).
- BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (org.) *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras / Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*. Natal: EDUFRN, 2008.
- COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Luís da Câmara Cascudo: tentativa de ensaio biobibliográfico*. Natal: EDUFRN, 2008.
- ENTREVISTA conduzida por Pedro Bloch, publicada na revista *Manchete*, nº 619, de 29/02/1964 e republicada no livro BLOCH, Pedro. *Pedro Bloch entrevista*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1989. Disponível em [www.tirodeletra.com.br](http://www.tirodeletra.com.br), acesso em 03 de setembro de 2014.
- KONSTAN, David. Ressentimento: história de uma emoção. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia Regina (Orgs.) *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PINTO, Júlio Pimentel. *Uma Memória do Mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: estação Liberdade/ FAPESP, 1998.

<sup>4</sup> Fala de Cascudo em Entrevista conduzida por Pedro Bloch, publicada na revista *Manchete*, nº 619, de 29/02/1964 e republicada no livro BLOCH, Pedro. *Pedro Bloch entrevista*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1989: “Sou municipal. Fico por aqui...E quando saio sou como pombo-correio. Volto certo para meu canto”.

**MACIEL, S. D.      Câmara Cascudo e a fitinha azul da memória**

REGO, José Lins do. *Meus verdes anos*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

VELOSO, Mônica Pimenta. Uma história dos nossos gestos: a abordagem inovadora de Luís da Câmara Cascudo no campo da História Cultural In: SILVA, Marcos (Org.). *Câmara Cascudo e os saberes*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. (Memória do Saber)